



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

## **SURDEZ, GÊNERO E SEXUALIDADE: IMAGINÁRIO SOCIAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL BILÍNGUE DA REGIÃO METROPOLITANA**

Márcia Beatriz Cerutti Müller (Autor),  
Maria Angela Mattar Yunes (orient.),  
Denise Regina Quaresma da Silva (coorient.)  
Unilasalle

### **Resumo**

A Pesquisa de cunho híbrido objetiva investigar o imaginário social, docente em relação à surdez, a gênero e a sexualidade e como isso se reflete nas práticas pedagógicas bem como indagar como os discentes surdos se percebem em relação às temáticas.

**Palavras-chave:** *surdez, gênero, imaginário*

**Área Temática:** Educação

### **1. Introdução - Propósito central do trabalho**

Esta pesquisa tem como temática investigativa o imaginário social docente de uma Escola de Ensino Fundamental bilíngue para surdos, em relação aos seus entendimentos acerca das temáticas: surdez, gênero e sexualidade,

*Objetivo geral:* Investigar sobre o imaginário social, das/os docentes em relação à surdez e aos sujeitos surdos, a gênero e a sexualidade e como isso se reflete nas práticas pedagógicas em uma Escola Bilíngue pertencente à rede pública da região metropolitana, bem como indagar como os discentes surdos se percebem em relação às temáticas.

*Objetivos específicos:* - pesquisar como ocorre, na formação docente, o ensino acerca dos sujeitos surdos, gênero e sexualidade; - observar como as/os docentes percebem a sexualidade dos sujeitos surdos; - verificar o entendimento das/os docentes em relação a gênero e surdez; - analisar os discursos produzidos na escola que constituem o imaginário social das/os docentes e suas implicações nas práticas pedagógicas; - Indagar como os discentes surdos se percebem em relação às temáticas.

Apresenta-se como problema de pesquisa: quais discursos acerca da surdez, gênero e sexualidade vêm influenciando o imaginário social das/os docentes de uma Escola Bilíngue da rede pública de Ensino Fundamental da região metropolitana e suas implicações nas práticas pedagógicas?

### **2. Marco Teórico**

Pensar o corpo numa perspectiva histórico-cultural contribui para uma reflexão mais ampla sobre a sua história e a forma como vem se constituindo, além disso, nos permite conhecer os modos de sentir, (re) conhecer, (re) pensar em cada momento histórico. De acordo com Goellner (2013, p.30), "Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade". Desafio, porque vai romper com o olhar naturalista sobre o corpo e



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela sua historicidade. Falamos, portanto, do corpo como uma construção histórica e cultural, sobre o qual diferentes marcas em diferentes tempos, espaços e discursos lhe são conferidas. Ao referir a discursos lembramos também a linguagem como constituinte deste corpo. Ressaltamos que não desconsideramos as questões biológicas envolvidas, contudo não a colocamos no centro, como definidora dos diferentes jeitos de construção do corpo. Olhar o corpo a partir da história nos permite conhecer melhor sobre sua construção e os entendimentos em cada período histórico.

O culto ao corpo com suas especificidades, pautado no momento histórico e na cultura, iniciou no final do século XVIII e intensificou no século XIX. A moral das aparências. Trata-se de um período importante pois nos permite entender o corpo contemporâneo consolidado por representações e marcas nos corpos com diferentes intensidades. A ação da ciência que busca entender o corpo a partir de características biológicas, forma e aparência, conferindo-lhe diferentes lugares sociais. “Por vezes, os negros e/ou as mulheres foram considerados inferiores exclusivamente porque seus corpos apresentavam algumas características biológicas nomeadas por essa mesma ciência como inferiores, incompletas ou díspares” (GOELLNER, 2013, p.36).

Até o final do século XIX, o corpo tinha um papel secundário e com a virada do século, houve uma mudança na relação sujeito e corpo, que passou a encarar a vida como espiritual e corpórea apoiada no corpo. Foucault postula que a grande família dos “anormais”, “se formou em correlação com um conjunto de instituições de controle, com uma série de mecanismos de vigilância e de distribuição; e, ao ter sido quase inteiramente recoberta pela categoria de “degenerescência”, deu lugar a elaborações teóricas irrisórias, porém a efeitos duramente reais”. (FOUCAULT, 1997, p.61). Este autor afirma ainda que a constituição do o grupo dos anormais não foi sincrônica, se formou a partir de três elementos: o monstro humano (cujo quadro de referência é a lei, combina o impossível e o interdito); o indivíduo a corrigir (mais recente que o monstro, é o que corresponde melhor às técnicas de adestramento; e o onanista, (nova figura no século XX que aparece em conexão com as novas relações entre a sexualidade e a organização familiar, com a atual importância dada ao corpo).

O indivíduo anormal, para Foucault (1997, p. 65-66), que foi considerado desde o final do século XIX “por tantas instituições, discursos e saberes, deriva ao mesmo tempo da exceção jurídico natural do monstro das multidões, dos incorrigíveis, detidos pelos aparelhos de adestramento, e do universal secreto das sexualidades infantis”. Este autor afirma que as três figuras do monstro, do incorrigível e do onanista não vão se confundir pois cada uma está inscrita em um sistema de referência científica: o monstro na teratologia e embriologia; o incorrigível, na psicofisiologia das sensações da motricidade e das aptidões; e onanista, está inscrito numa teoria da sexualidade.

No século XX, com os movimentos sociais houve a luta da mulher pelo direito ao voto, a reivindicação feminina pelo acesso à Universidade e a vida profissional, a 1ª Guerra Mundial, entre outros, que trouxeram um novo desenho social. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Simone de Beauvoir causou impacto com esta expressão. “Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura” (LOURO, 2008, p. 17). Segundo esta autora a frase de Beauvoir foi usada também para no masculino.

No início dos anos 70, as mulheres protestavam contra as leis que proibiam o aborto, “Nosso corpo nos pertencem” era o slogan. As categorias marginalizadas pensavam ter somente seu corpo para se opor ao discurso do poder que utiliza a linguagem impondo “[...] silêncio aos corpos”. As lutas políticas colocaram o corpo no centro dos debates culturais. O corpo carrega as marcas de gênero, classe e origem que não podem ser apagadas. (COURTINE, 2011, p. 9, v. 3)

Segundo Goellner (2013), a produção do corpo ocorre ao mesmo tempo, no coletivo e no individual, sendo assim a cultura não é um ente a nos governar nem nós, somos receptáculos a sucumbir. Esta autora afirma também que o corpo “[...] ao mesmo tempo que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura, (GOELLNER, 2013, p. 42)

Observamos, que no decorrer da história, o corpo desempenhou diferentes papéis na sociedade, os processos de mudanças foram por motivos políticos, religiosos ou econômicos das



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

classes que exerciam o poder em cada momento histórico. A história da sexualidade aliada à história do corpo também nos apresenta momentos singulares em sua construção que se estabelece nas relações sociais. Sua história é marcada por muitas mudanças influenciadas por diferentes concepções que surgiram em diferentes contextos sociais.

A construção do gênero e da sexualidade se dá durante toda a vida. As transformações que vão ocorrendo no decorrer da história, são próprias de cada cultura. Entretanto, as transformações parecem mais visíveis ou mais aceleradas. No entender de Louro (2008, p. 19), “Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir”. Tal situação desestabiliza antigas certezas e as transformações constituem novas formas de existir. Esta autora fala de uma nova política cultural, a política de identidades, especialmente a partir dos anos 60, as minorias, colocadas em segundo plano pelos grupos dominantes, começaram a se manifestar querendo auto representarem-se, ou seja, lutam pelo direito de falar por si e falar de si.

Na história dos surdos consta que na antiguidade, havia o sacrifício destas pessoas em função de um padrão de normalidade e perfeição. De acordo com Guarinello, (2007, p.20) “A primeira alusão à possibilidade de instruir os surdos por meio da língua de sinais e da linguagem oral foi feita por Bartolo della Marca d’Ancona, escritor do século XIV”. Este foi o início de um entendimento de que tais pessoas teriam a possibilidade de tomar suas próprias decisões. No Brasil, o ensino de pessoas surdas iniciou em 1857 quando, a convite de Dom Pedro II, Ernest Huet, inicia suas atividades como professor, surgindo a primeira escola para surdos-mudos no Rio de Janeiro, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

De acordo com Skliar (1999, p. 19), até pouco tempo atrás, “[...] os sujeitos da educação especial foram narrados, julgados, pensados e construídos pelos profissionais que trabalhavam com eles [...]”. Essa prática “[...] serviu ao propósito institucional de fronteira de inclusão/exclusão, porém fracassou na compreensão e justificação de sua própria história, seus saberes, mediações e mecanismos de poder”. Segundo este autor, “Os valores e as normas praticadas sobre as deficiências foram parte de um discurso historicamente construído, onde a deficiência não é simplesmente um objeto, um fato natural, uma fatalidade”. De acordo com o autor, estes discursos afetam todas as pessoas, não somente as pessoas com deficiência, “[...] regula também as vidas das pessoas consideradas normais.

Atualmente, a surdez configura-se “[...] como um território de representações que não podem ser facilmente delimitadas ou distribuídas em modelos conceituais opostos”, (modelo clínico X modelo socioantropológico). “Trata-se, melhor dizendo, de um território irregular por onde transitam discursos e práticas assimétricos quanto às relações de poder/saber que determinam”. Segundo o autor, “ Passar de naturalização da medicina à curiosidade da etnografia ao reconhecimento político da diferença, não é simplesmente, trocar uma roupa antiga por uma nova”. (SKLIAR, 2003, p. 93)

Segundo este autor, “[...] as representações não estão nem necessária e nem naturalmente separadas nas práticas discursivas e nos dispositivos pedagógicos” (p.94). Devido à complexidade da representação sobre a surdez, o autor ressalta a necessidade de superação dos modelos clínicos e antropológicos definindo-a em quatro níveis: “[...] a surdez como diferença política; como experiência visual; caracterizadas por múltiplas e multifacetadas identidades e, finalmente, localizada dentro do discurso da deficiência” (SKLIAR, 2003, p.95).

**Aspectos legais: a legislação que orienta este estudo.**

- *Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), artigo 2º*. ; - *Constituição Federal (1988)* que define no seu artigo 5º - “todos são iguais perante a lei, sem distinções de qualquer natureza”; - *Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990)* ; - *A Declaração de Salamanca: A Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, realizada pela UNESCO, Salamanca/Espanha em 1994*; - *A Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional nº 9394/96* ; - *Parâmetros Curriculares Nacionais*; - *Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990)*; - *Lei Maria da Penha (Lei Federal nº 11340/06)*; - *Conferência Mundial de Educação para Todos (Tailândia) - "Declaração de Jomtien" (1990)*; -



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

*Decreto nº 5626/05 que, entre outros, trata das escolas bilíngues para surdos; - Plano Nacional de Educação (PNE) Lei nº 13.005, de 25 junho de 2014.*

### **O espaço escolar e as diferenças**

Buscamos uma sociedade onde as relações viabilizem a valorização, o reconhecimento das diferenças, o acolhimento de todos os sujeitos e a cultura da paz. Não basta que os textos legais existam, é preciso que haja entendimento e conscientização das pessoas. Faz-se necessário romper com estereótipos existentes, que podem levar a “comodidade cognitiva” (QUARESMA DA SILVA E MELLO, 2008, p.2). As autoras afirmam, ainda, que os “estereótipos dão origem ao estigma que vem sinalizar suspeita de ódio e intolerância dirigidos a determinado grupo, inviabilizando sua inclusão social”.

Problematizar os conhecimentos acerca da surdez, especialmente em relação a gênero e sexualidade é pertinente neste contexto, pois sabemos que estereótipos, mitos e crenças são criados e mantidos nos diferentes contextos. Não havendo questionamento, acabam por tornarem-se verdades, assim como muitos discursos e formas de narrar os sujeitos, especialmente os grupos minoritários, como é o caso dos sujeitos surdos. Considero, como Quaresma da Silva (2012) que “las creencias y valores asociados a los modos de ser hombres y mujeres permean las prácticas de educación sexual y determinan la forma en la que son descritas diversas identidades”.

Lebedeff (2010) afirma que, “Falar de sexualidade não é tarefa fácil, principalmente por se tratar de um assunto impregnado tanto por simbologias (muitas vezes inconscientes), quanto por valores culturais (conscientes ou não)”. Geralmente a sexualidade é trabalhada apenas como uma questão biológica. Afirma ainda, que a literatura mostra que as pessoas têm uma visão ambígua sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, para uns, a pessoa com deficiência é assexuada, comparada a uma criança, para outros, seria hipersexuada, sem afetividade. Percebemos, portanto, a grande dificuldade, que algumas pessoas têm em relação à sexualidade e ao conhecimento acerca dos sujeitos e suas diferenças. Situação similar encontramos também no que se refere a gênero, pois, de acordo com a história, desde o início da educação de surdos no Brasil, as alunas surdas foram discriminadas.

No Brasil, as mulheres surdas têm uma história de discriminação na educação quando o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, fundado em 1856, deixou de receber meninas em 1868, somente retornando em 1932. Havia o entendimento de que meninas não educadas não seriam problema, meninos sim. Klein e Formozo (2007), afirmam que as surdas são discriminadas no mercado de trabalho em geral, contudo “[...] são a maioria no professorado, o que é uma consequência da feminização do trabalho docente”. A crença na vocação contribui para justificar a feminização do trabalho docente.

Nesta perspectiva, torna-se importante conhecer as crenças/representações das/os docentes em relação a surdez e aos sujeitos surdos, a gênero e sexualidade que podem estar constituindo verdades nos espaços escolares e também nos diferentes espaços da sociedade podendo impactar na educação. Passamos, portanto, para um estudo sobre a constituição do sujeito sociohistórico, o imaginário social e as teorias implícitas.

Ao refletirmos sobre relações de aprendizagem, precisamos lembrar dos medos, dos preconceitos, dos mitos que as pessoas têm acerca das diferenças. Os mitos, no entender de Eliade (1994, p.11) são “[...] uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Neste pensar, o mito é considerado uma história verdadeira, pois se refere a realidades e nós vivemos num mundo carregado de mandatos míticos, de crenças que nos são apresentadas frequentemente. Os mitos carregam algo oculto, e ocupam um lugar num momento em que não há uma definição, se não questionados tornam-se verdades nos espaços onde circulam.

Nesta pesquisa, buscamos estudar o imaginário social das/os docentes de uma escola bilíngue para alunos surdos, suas representações em relação à surdez, gênero e sexualidade e se estas impactam nas práticas pedagógicas efetuadas. E também estudar, como as/os discentes se percebem diante das temáticas em estudo. Nesta perspectiva, apoiamo-nos também, nas teorias implícitas (Rodrigo, Rodrigues e Marrero, 1993) que nos oferecem um referencial teórico possibilitando articular conhecimentos implícitos e suas representações no cotidiano, suas



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

concepções implícitas. De acordo com os autores, o objetivo principal “[...] es analizar como cada persona, de modo aislado, procesa la información social” (p.96). Afirmam ainda que, “[...] el hecho de que las personas construyan su conocimiento em entornos sociales y que éste reflète em parte las convenciones y normas sociales que aseguran su comunicabilidade, no parece añadir nada significativo para su estudio. (RODRIGO, RODRIGUES E MARRERO, 1993, P. 97).

Na perspectiva histórico cultural, o ser humano é entendido como um ser histórico que se constrói através de relações com o mundo. Sendo assim, nossa maneira de agir é determinada pelo grupo social ao qual estamos inseridos.

### 3. Metodologia

A pesquisa desenvolver-se-á numa Escola de Ensino Fundamental Bilingue da rede municipal de educação de um município da região metropolitana. A escolha se deu por ser este o espaço de educação de surdos no município. As escolas bilíngues, de acordo com o Decreto nº 5626/05 são aquelas “[...] em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo”. (BRASIL, 2005, ART, 22, §1º). A escola em questão está localizada em um bairro periférico na cidade e atende alunos surdos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Pesquisa de cunho híbrido com abordagem quali /quantitativa que será desenvolvida em duas fases: a primeira fase, por meio de um delineamento quantitativo descritivo, através de questionário sociodemográfico onde serão investigados os conhecimentos de docentes e discentes em relação às temáticas em estudos, e a segunda, através de um delineamento qualitativo, por meio de um estudo de caso que procurará esclarecer sobre os imaginários docentes e os impactos destes nas práticas pedagógicas, e no que se refere a discentes, como se percebem em relação às temáticas.

- Fase I – os participantes serão docentes da escola e discentes dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Os critérios de inclusão para docentes serão: ser docente da escola e para discentes, estar cursando o 6º, 7º, 8º ou 9º ano na escola. Esta fase do estudo, refere-se à pesquisa quantitativa e terá como instrumento, o questionário sócio demográfico com questões fechadas. Ressaltamos que haverá questionários diferentes para cada segmento. O questionário sociodemográfico para as/os docentes será composto por três seções: a seção I refere à informações pessoais e profissionais, a seção II, ao conhecimento em relação às temáticas e na seção III, as crenças em relação às temáticas. Assim como, o questionário sociodemográfico destinado as/os discentes, será composto também, pelas três seções, entretanto algumas questões se diferenciam das que constam no questionário docente. Como estratégia de análise de dados quantitativa, será utilizado um software de apoio à estatística, o SPSS (Statistical Package for Social Sciences) trata-se de uma ferramenta de ampla utilização para análise de dados.

- Fase II - os participantes serão as/os docentes e discentes dos anos finais do ensino fundamental (8º ao 9º ano), entre esses, o critério será a disponibilidade das/os discentes. Esta fase refere-se à pesquisa qualitativa e teremos dois instrumentos: as observações e as entrevistas reflexivas. As observações deverão ocorrer no espaço escolar com o intuito de entender como são as relações e interações entre os atores desta pesquisa, constituem a segunda fase do estudo e serão registradas em caderno de campo. A sua análise constituirá o terceiro estudo desta pesquisa. Já as entrevistas reflexivas, compostas de dois encontros com cada participante da pesquisa individualmente, serão abertas com docentes e discentes. As/os docentes relatarão sua experiência, seu percurso de formação e seus entendimentos acerca das temáticas em estudo. Já as entrevistas com as/os discentes, permitirão analisar seu conhecimento e como se percebem em relação à temática. As entrevistas reflexivas que serão gravadas e posteriormente transcritas, ressaltamos que as entrevistas com as/os participantes surdas/os, serão filmadas e terão a presença de intérprete de Libras, posteriormente serão transcritas. A opção por este tipo de entrevista se deu pela dinamicidade e interatividade oportunizam e pela possibilidade que se abre para estudar questões subjetivas. Permitem conhecer o sujeito e ele conhecer-se através da reflexão que se estabelece. Para que seja construída uma relação de reflexividade, as entrevistas ocorrerão em dois encontros, desta forma, após a transcrição e de pré análise das entrevistas, haverá novo encontro com as/os participantes para o questionamento sobre pontos que não



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

ficarem muito claros, estes poderão concordar ou não e também poderão acrescentar novas informações. Como estratégia de análise de dados qualitativos, será utilizada a grounded-theory, considerada adequada para este estudo pois trata-se de um método sensível a contextos permitindo o entendimento do sentido das situações. Para Strauss e Corbin (2008, p. 25), a teoria fundamentada, é “[...] derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa”. Por basearem-se em dados, as teorias fundamentadas tendem a oferecer melhor entendimento e orientação para a ação possibilitando a construção de teoria confiável.

### Referências

- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacque; VIGARELLO, Georges (Orgs.) **História do Corpo: As mutações do olhar: O Século XX**. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.
- GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In.: LOURO, G.L., FELIPE, J., GOELLNER, S.V.(orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.
- KLEIN, Madalena e FORMOZO, Daniela de P. **Gênero e Sexualidade**. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/225/172>. Acesso em: 28 de outubro de 2014
- LEBEDEFF, Tatiana B. **Surdez e sexualidade: uma discussão sobre a necessidade de empoderamento linguístico e acesso à informação**. Disponível em: [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao\\_Especial/Trabalho/09\\_09\\_00\\_SURDEZ\\_E\\_SEXUALIDADE\\_UMA\\_DISCUSSAO SOBRE A NECESSIDADE DE EMPODERAMENTO LINGUISTICO E ACESSO A INFORMACAO.PDF](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_Especial/Trabalho/09_09_00_SURDEZ_E_SEXUALIDADE_UMA_DISCUSSAO SOBRE A NECESSIDADE DE EMPODERAMENTO LINGUISTICO E ACESSO A INFORMACAO.PDF). Acesso em: 28 de outubro de 2014
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n.2 (56) – maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 01/12/2014
- QUARESMA DA SILVA, Denise R. **La producción de lo normal y lo anormal: um estúdio sobre creencias de gênero y sexualidad entre docentes se escuelas municipales de Novo Hamburgo/ Brasil**. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S185273102012000100008&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S185273102012000100008&script=sci_arttext&tlng=en). Acesso em: 27 de outubro de 2014.
- QUARESMA DA SILVA, Denise R. e MELLO, Eliana M. de. **Discurso e gênero: uma discussão sobre modos de enunciar o feminino**. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST54/Silva-Mello\\_54.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST54/Silva-Mello_54.pdf). Acesso em: 27 de outubro de 2014
- RODRIGO; RODRIGUES; MARREO. **Las Teorias Implícitas: uma aproximación al cotidiano**. Madrid: Visor, 1993.
- SKLIAR, Carlos. A Invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. **Educação e Realidade**. 24(1): 15-32, jul/dez, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos**. In.: SILVA e VIZIM (orgs.). Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ABL, 2003a, p. 85-109.
- STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SZYMANSKI, Heloisa (ORG.). **Entrevista na Pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.